

PLURALIZAÇÃO DA DIFERENÇA DA REINVENÇÃO DA COTIDIANIDADE: TRADUÇÃO, MOVÊNCIA E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES AMERICANAS

Arnaldo Rosa Vianna
UFF

O contexto pós-moderno constrói-se no turbilhão de movimentos que provocam interrogações sobre problemas extremamente complexos decorrentes da crise de paradigmas, sustentáculos, até então, dos centros de poder estruturados sobre a manutenção do consenso habilmente perpetuado pelos mecanismos de reprodução de ideologias totalitárias. Questões que discutem o lugar da arte e concepções sobre uma estética contemporânea inscrevem também a problemática da desconstrução da história, ou um processo de deshistoricização, a partir do esvaziamento de conceitos não mais representativos de uma fenomenologia planetária. Delimitando, entretanto, o campo desta pesquisa a uma leitura da produção literária de dois escritores americanos, um quebequense e um brasileiro, em um dado contexto histórico, nosso objetivo não é o de reproduzir o percurso da dissolução dos conteúdos da arte como instituição burguesa e sua ruptura com os ideais estéticos clássicos a partir do marco do pensamento hegeliano sobre o romantismo e o princípio lúdico da representação, distanciada das amarras históricas, políticas e culturais na seqüência pós-romântica, antecipando a visão atual sobre o apagamento das identidades históricas. Entretanto, a perda da significação histórica, ou sua desconstrução na cultura ocidental parece repor a questão anunciada na *Estética* de Hegel sobre a arte, quando uma análise contemporânea pensa a problemática da retomada das tradições artísticas e históricas em um processo de recuperação, ruptura e resumo ou acumulação de formas canônicas que, apropriadas e esvaziadas, são ressignificadas nos conteúdos pós-modernos.

Walter Moser (1996), interrogando o conceito de cultura e suas implicações políticas, introduz em sua análise a questão da reciclagem cultural no âmbito de um sistema de valores em trânsito de uma economia de mercado de base nacional para a globalização. O discurso da reciclagem emerge do quadro de relações entre Estado e cultura que caracterizou a modernidade ocidental e que, mantendo a estabilidade da produção cultural, garantiu o controle dessas relações horizontalizadas e imobilizadas pela inteligência institucional. A industrialização cultural e a consolidação das culturas nacionais, que se articularam pela superposição dos planos econômico e ideológico no exercício do papel controlador do Estado capitalista moderno, produziram o cenário propício para o advento de uma outra ordem fundada sobre a instabilidade instaurada pela evolução tecnológica. Se o desmascaramento das ideologias da originalidade e da verdade anunciou a crise de pensamento da modernidade, instaurou também, na extensão pós-moderna, uma nostalgia da estabilidade que se desenvolverá como resistência à mobilidade da sociedade de consumo e como necessidade de preservação da integridade do sujeito ameaçado pelos mecanismos dos meios de comunicação de massa que o atravessam. A reciclagem implica uma transformação processando-se dinamicamente e evoca as questões de circularidade e continuidade que recuperariam os desgastes da fragmentação e da descontinuidade. Entretanto, ela remete também a uma origem onde se identifica o modelo original, mas recuperado como produto híbrido resultante de uma pluralidade de representações simultâneas que reivindicam o direito a um novo estatuto de verdade, evidenciando a diferença pós-moderna.

A industrialização da arte e a indústria cultural, conferindo aos objetos de arte e aos produtos culturais um valor de mercadoria, como evidenciou Walter Benjamin (1969), em

um processo que já se encontrava bastante avançado no século XIX, respondem pela reprodução mecânica, pela repetição banalizante acelerada pelo aperfeiçoamento tecnológico e pela expansão do mercado capitalista, assegurando a circulação dos objetos de arte e apagando a distinção entre o original e a cópia. O cenário econômico, social e histórico em que se inscreve o discurso da reciclagem define-se fundamentalmente pela emergência da sociedade de massas regida pela tecnocracia e submissa ao consumismo materialista, pela revolução antropológica e o apagamento das culturas marginais em uma concepção de mundo balizada pela evolução e o progresso. Nesse quadro, a rede mediática acelera o processo de reciclagem cultural eliminando fronteiras culturais, lingüísticas e sociais. Sob o disfarce da comunicação, impõe-se a tecnocracia dos media, produzindo uma implantação massiva de conhecimentos normalizados, produtores de uma passividade própria do consumismo. A explosão tecnológica, veiculando o ethos da ortodoxia opressora como modelo único a ser imitado e reproduzido, não estabelece uma relação dialógica, mas produz um estado de inércia no público receptor, criando uma relação de dependência em seres despossuídos de identidade própria. Carentes de representações de poder, do enraizamento necessário à noção de país, de pátria primordial, de identidade nacional, assistem, na transparência monológica dos meios de comunicação, à aniquilação total de seus referenciais identitários. Assim, a teletecnocracia ganha estatuto de aparelho reprodutor, veículo de imposição de uma só voz, tornando-se instrumento da sociedade disciplinar, como conceitua Foucault (1975), produtora de corpos dóceis e úteis submissos à ordem capitalista. Essa imagem de docilidade e utilidade, de reprodução de padrões, é interrogada por Réjean Ducharme e Nélide Piñon em suas narrativas, lugar de contestação desses conceitos que veiculam a idéia de que às massas só resta a liberdade de deglutir a razão de simulacros distribuída pelo sistema. A idéia é a de que o público é modelado pelo padrão textual teletecnocrático, reproduzido nas formas urbanística, industrial, comercial e televisiva. A textualidade social, reprodutora da tecnocracia dos meios de comunicação de massa, subordinaria suas práticas cotidianas, pois tratar-se-ia de um público passivo, "informado", marcado e sem papel histórico. A lógica produtivista reivindica a iniciativa da criação e a localiza nos laboratórios técnicos. Entretanto, nos bastidores da cena teatral da hegemonia teletecnocrática, esconde-se a atividade silenciosa, transgressora, irônica ou poética, de leitores (ou telespectadores) que conservam seu quant-à-soi no espaço "doméstico" onde se tece uma outra ordem ao abrigo dos mestres (DE CERTEAU,1990).

Ducharme e Nélide Piñon desconstruem, em suas narrativas, especialmente no desempenho de seus personagens-narradores, esses conceitos, ao colecionar, nas práticas cotidianas, referenciais próprios de sua maneira de viver a vida, seus costumes. É esse olhar sobre as representações do cotidiano marginalizado que dará voz aos signos de emergência do underground. Nesse processo, inscreve-se, como já se disse, um espaço tenso, conflitual, que registra a crise entre o cânone imposto e seus receptores. Aí se constrói uma linguagem que exprime com mais fidelidade a pluralidade contextual da massa dita inerte. Seu ethos não se constrói apenas em representações próprias de seu cotidiano, mas também na relação complexa com o ethos canônico, presente em toda a trajetória de circulação da linguagem marginal. A arte de fazer literatura a partir do lugar americano significa fazer circular e interagir a pluralidade de referenciais culturais, reescrevendo a história imobilizada em seus registros convencionais. Reinventando-se a identidade na garantia de um lugar para a reescrita das histórias não oficializadas pela matriz hegemônica, que circulam nas práticas do cotidiano recolhidas na literatura e em outras fontes não convencionais, relativiza-se a verdade monolítica assimilada e introduzem-se, nessa matriz, os referenciais do imaginário híbrido construído na dispersão do cânone pluralizado e ressignificado em dimensão americana. Se a literatura não visa o imobilismo da verdade única, mas admite o jogo entre o verdadeiro e o falso, inscrevendo em sua textualidade a mestiçagem excluída dos conceitos ocidentais de unidade, transfigurando pelo desvio a

norma produtora das cópias e dos simulacros, ela é o lugar propício para a reinvenção dessa identidade híbrida.

As Américas, como a Europa de outrora, foram porto de chegada de diversas etnias, durante o processo de formação de seus povos, tornando-se um universo composto por uma constelação de culturas complexas. A literatura, como representação simbólica, é o lugar de expressão das construções do imaginário de um povo, produzindo a ilusão do real em seu pacto com o leitor e engendrando um real de ficção. A ficção, como forma eficiente de dicção de verdades, dá conta dessa diversidade, não só incorporando em seu processo de criação a pluralidade de registros culturais impressos em solo americano mas também ultrapassando esse limite, transgredindo fronteiras de tempo e espaço, quando se apropria de referenciais de outras civilizações ancestrais aqui desembarcadas, também presentes nessa memória identitária e persistindo, ainda que em dispersão, na nova morada. Portanto, o escritor americano, ao fazer literatura, expressa a inventividade colhida na observação não só do ethos de seu povo mas também na tradução das memórias colhidas na travessia literária. Na construção de sua textualidade, ele se apropria de todo um memorial cultural pré-existente, pois se vive um processo onde o ritmo da história contemporânea não permite, como pensa Glissant (1994), a realização sucessiva das etapas necessárias à formação de uma identidade cultural. Assim, o escritor americano opera no ritmo próprio de sua composição híbrida: à sucessividade ele opõe a simultaneidade de sua leitura do mundo, amadurecendo ao mesmo tempo que lê, que se apropria, construindo-se no clamor de sua contratextualidade. Nesse sentido, Silviano Santiago, lendo Borges, escreve que "o escritor latino-americano é o devorador de livros" (1978, p.27).

Dessa forma, a pesquisa em literatura comparada realiza a prática desse dialogismo, dessa interação cultural. O interesse desta pesquisa é o estudo da produção cultural de dois povos em um determinado momento histórico, o brasileiro e o quebequense, as semelhanças que os aproximam e as diferenças que os identificam sob o processo do neocolonialismo contemporâneo. Segundo Eneida Maria de Souza (1994, p.21), o caminho teórico da literatura comparada "pretende conjugar a tradição de culturas nacionais com as estrangeiras - abstraindo-se da concepção estreita de lugares regionalmente marcados - e produzir objetos teóricos que revelem o efeito desconstrutor das relações interculturais. Valendo-se ainda dessa perspectiva analítica, o texto ficcional - ou artístico - assume funções próximas àquelas do texto teórico, podendo ser interpretado como imagem em movimento na qual a rede metafórica é produtora de redes conceituais." Pretende-se, pois, em articulação com o pensamento da autora citada, trabalhar os temas: opressão e transgressão em contextos pós-coloniais; astúcias, "artes de fazer" e estratégias de seres "ex-cêntricos"; tradução e travessia de fronteiras; a representação do cotidiano como invenção nas literaturas periféricas, nas séries literárias de Réjean Ducharme e Nélida Piñon.

Pensando-se a narrativa ficcional de Réjean Ducharme e a de Nélida Piñon também como lugar de produção teórica, no conceito multidimensional e interdisciplinar do dialogismo bakhtiniano (1995) de que o pensamento teórico produz-se na alquimia dialógica entre textos científicos e ficcionais, na inter-relação de séries múltiplas (a literária, a ideológica e a própria história), pretende-se conferir que sua trama textual oferece pressupostos para intertextualizar as propostas ideológicas repertoriadas na linguagem ficcional com textos científicos. As narrativas de Réjean Ducharme e Nélida Piñon tornam visível a construção de um ethos que traz, em sua prática, a denúncia da crise dos paradigmas ocidentais, quando evidenciam a dispersão ideológica canônica no dialogismo entre campos e sistemas produtores de idéias e representações filosóficas, políticas, jurídicas, artísticas e religiosas.

A pesquisa fundamenta-se na intertextualização entre as séries literárias constituídas pelos romances *Le nez qui voque* (1967), *L'Océantume* (1968), *La fille de Christophe Colomb*

(1969) e *Va savoir* (1994), de Réjean Ducharme; *Tebas do meu coração* (1974), *A república dos sonhos* (1984) e *A doce canção de Caetana* (1987), de Nélida Piñon, e a série teórica formada basicamente pela leitura de Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva, Michel de Certeau, Gilles Marcotte, Lise Gauvin, Simon Sherry, Édouard Glissant, Detienne e Vernant, Deleuze e Guattari, Baudrillard, Howard Becker, Daniel Sibony, Régine Robin, Walter Moser, Monique LaRue, Silviano Santiago. Além desses autores, recorrer-se-á à leitura de outros textos para a abordagem de questões mais pontuais. A linguagem dos dois escritores será analisada a partir da perspectiva de Lise Gauvin (1996) e de Gilles Marcotte (1989) sobre o desvio do sentido como pesquisa para a reapropriação do poder de expressão do signo escrito, recarregando sua essência significativa para além dos seus limites convencionais.

Partindo-se da afirmação de que a literatura é, em princípio, a re-presentação simbólica de uma realidade em uma outra, inaugurando a ilusão do real e dizendo a verdade fictícia, conclui-se que ela não se constrói como cópia mas como tradução, no sentido da análise de Glissant (1996) que a inscreve na multiplicidade relacional dos discursos, onde se produz uma nova linguagem fundada sobre a estética do diverso e a polifonia cultural. Sherry Simon lê a prática da tradução como jogo, processo de invenção lúdica que exclui, na relação com a língua estrangeira, a idéia de língua própria. O jogo da tradução também se dá como contrapartida paródica da lógica das escrituras de Ducharme e Nélida Piñon. Antes que esclarecer, transpor ou reduzir os termos aos limites de um idioma próprio, suas escrituras confundem, redobram o sentido, caracterizando-se como uma prática desviante. Segundo Sherry Simon (1994, p.177), tais narrativas fundam uma estética da "mixité", do mix, da mesclagem, da hibridização: "La parodisation de la traduction est le renversement de la pratique répressive de la traduction comme technologie de la domination. La violence se transforme en jeu, l'altérité absolue, en dérive de différences". Com de Certeau (1990), estuda-se a "tradutibilidade" de todas as linguagens na língua natural cotidiana que sugere várias operações sucessivas: a transcrição que relaciona o oral e o escrito; a construção de um modelo em busca de um sistema lingüístico e a produção de um sentido resultante do funcionamento desse modelo sobre aquilo que se transformou em texto.

O cotidiano (espaço usual do andarilho, que opõe a mobilidade à imobilidade, no sentido de que a imobilidade equivale a um deslocamento mecânico mas também a todo um movimento pré-determinado ou determinado unidimensionalmente, e mobilidade como oposição às regras e códigos constitutivos da imobilização) é o lugar da movência, do desvio, da travessia dialógica e heteroglóssica. A heterologia inscreve, na cotidianidade, as vozes das alteridades excluídas que se reinventam em práticas escatológicas e na esperteza como exercício de sobrevivência também em um espaço reinventado. Complementando a análise do autor de *L'invention du quotidien* (DE CERTEAU, 1990) sobre as "artes de fazer" e as estratégias inventivas de personagens astuciosos, busca-se apoio em Detienne e Vernant (1974), que contribuem para a compreensão das astúcias da inteligência próprias aos outsiders (BECKER, 1985). A reconstrução da escrita da memória e da identidade, repertoriadas na astúcia da reinvenção do cotidiano, arquitetam, na narrativa ducharmiana, bem como na de Nélida Piñon, um espaço de resistência ao ethos ortodoxo.

Para as leituras da errância e do enraizamento busca-se apoio nas figuras do "arpenteur" e do "navigateur" de Monique LaRue (1996), em intertexto com os narradores de Benjamin (1989), a partir do qual se estudará a problemática da sobrevivência das memórias culturais veiculadas e reinventadas pelos contadores de história. Com Édouard Glissant e sua análise sobre a sociedade contemporânea, em termos de encontro, de relação entre a cultura escrita do Ocidente e a oralidade das outras culturas, pesquisa-se a economia relacional do oral e do escrito. Na passagem da oralidade à escrita, Glissant assinala que: "Les oeuvres de l'Occident rencontrent les oeuvres des autres civilisations. Et les prestiges mêmes de l'écriture sont remis en cause" (1994, p.113). Ele descreve a situação atual como

um retorno da oralidade na escrita, situando-a no contexto do estranhamento provocado por esse retorno. As técnicas audiovisuais constituem hoje, no Ocidente, um dos lugares do retorno da oralidade a partir do qual se pode repensar a dialética entre oralidade e escrita. Essa questão inclui as noções de transparência das culturas ocidentais e de opacidade reivindicada por Glissant (1990) como direito de todos os povos. O conceito de opacidade é importante para analisar o discurso e as práticas da reciclagem cultural assinalada por Walter Moser (1996) como meio para o reaproveitamento, a reutilização de materiais que perderam sua função pragmática em um contexto canônico, e de sua ressignificação em um contexto underground, apesar de sua elaboração no quadro de um novo humanismo e de uma espécie de utopia neocristã segundo a qual a vontade dos povos de trabalharem juntos e de se amarem sem a pretensão de se compreenderem permitiria a criação de um mundo melhor.

Bibliografia:

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: études de sociologie de la déviance*. Paris: Métailié, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- _____. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas; v. 3).
- DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *La culture au pluriel*. Paris: Seuil, 1993.
- DETIENNE, Marcel, VERNANT, Jean-Pierre. *Les ruses de l'intelligence: la mètis des grecs*. France: Flammarion, 1974.
- GAUVIN, Lise. *La place du marché romanesque le ducharmien*. In: *L'Amérique entre les langues*. Montréal : PUM (Les Presses de l'Université de Montréal). Études françaises. 28, 2/3, 1993.
- _____. *Glissements de langues et poétiques romanesques: Poulin, Ducharme, Chamoiseau*. In: *Littérature (101): l'écrivain et ses langues*. Paris: Larousse, 1996.
- GLISSANT, Édouard. *La Poétique de la relation*. Paris: Gallimard: 1990.
- _____. *Le chaos-monde, l'oral et l'écrit*. In: LUDWIG, Ralf (org.) *Écrire la "parole de nuit." La nouvelle littérature antillaise*. Paris: Gallimard, 1994.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- LARUE, Monique. *L'arpenteur et le navigateur*. Montréal: Fides; CÉTUQ, 1996.
- MARCOTTE, Gilles. *Littérature et circonstances*. Montréal: L'Hexagone, 1989.
- _____. *Le roman à l'imparfait: la Révolution Tranquille du roman québécois. Essais*. Montréal: Hexagone, 1989.
- MOSER, Walter. *La culture du recyclage*. In: DIONNE, Claude, MARINIELLO, Silvestra, MOSER, Walter (dirs.). *Recyclages. Économies de l'appropriation culturelle*. Montréal: Les Éditions Balzac, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In : *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SOUZA, Eneida Maria. *Literatura Comparada - o espaço nômade do saber*. In: Revista brasileira de literatura comparada. São Paulo: ABRALIC, maio - 1994.
- SHERRY, Simon. *Le trafic des langues: traduction et culture dans la littérature québécoise*. Montréal: Boréal, 1994.